

# Lucas

Introdução  
e comentário

Leon L. Morris



· SÉRIE CULTURA BÍBLICA ·  VIDA NOVA

## CONTEÚDO

Prefácio Geral .....	5
Prefácio da Edição em Português .....	6
Abreviaturas Principais .....	8
INTRODUÇÃO .....	11
Autoria .....	12
Data .....	20
Linguagem .....	25
Lucas o Teólogo .....	27
O relacionamento entre Lucas e os demais Evangelhos	
a. O problema Sinótico .....	46
b. Lucas e João .....	58
Análise .....	60
Comentário .....	63
Uma Tabela de Passagens Paralelas .....	325

## ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- AG *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, editado por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, 1957.
- ANF *The Ante-Nicene Fathers* (reimpressão norte-americana da edição de Edimburgo), sem data.
- Arndt *The Gospel according to St. Luke*, por William F. Arndt (*Bible Commentary*), 1956.
- AV Versão Autorizada em Inglês (King James), 1611.
- Barclay *The Gospel of Luke*, por William Barclay (*Daily Study Bible*), 1967.
- Bengel *The Gnomon of the New Testament*, por John Albert Bengel, traduzido, revisado e editado por Andrew R. Fausset, 1873.
- BJRL *Bulletin of the John Rylands Library*.
- Blaicklock *St. Luke*, por E. M. Blaicklock (*Scripture Union Bible Study Books*), 1967.
- Browning *The Gospel according to Saint Luke*, por W. R. F. Browning (*Torch Bible Commentaries*), 1965.
- BS *Bible Studies*, por Adolf Deissmann, 1901.
- Caird *Saint Luke*, por G. B. Caird (*Pelican Gospel Commentaries*), 1963.
- CBQ *The Catholic Biblical Quarterly*.
- Creed *The Gospel according to St. Luke*, por John Martin Creed, 1950.
- Ellis *The Gospel of Luke*, por E. Earle Ellis (*New Century Bible*), 1966.
- ET *The Expository Times*.
- Farrar *The Gospel according to St. Luke* por F. W. Farrar (*Cambridge Greek Testament*), 1893.
- Ford *A Reading of Saint Luke's Gospel*, por D. W. Cleverley Ford, 1967.
- Geldenhuys *Commentary on the Gospel of Luke*, por Norval Geldenhuys (*NICONT*), 1952.

- Godet *A Commentary on the Gospel of St. Luke*, por F. Godet, 2 vols., 1880.
- GT *A Greek-English Lexicon of the New Testament* que é a *Clavis Novi Testamenti*, de Grimm e Wilke, traduzida, revista e aumentada por Joseph Henry Thayer, 1888.
- Harrington *The Gospel according to St. Luke* por Wilfrid J. Harrington, 1968.
- HDAC *Dictionary of the Apostolic Church*, editado por James Hastings, 2 vols., 1915-18.
- JB A Bíblia de Jerusalém [em Inglês], 1966.
- JBL *The Journal of Biblical Literature*.
- JTS *The Journal of Theological Studies*.
- Leaney *A Commentary on the Gospel according to St. Luke*, por A.R.C. Leaney (*Black's New Testament Commentaries*), 1966.
- Lenski *The Interpretation of St. Luke's Gospel*, por R. C. H. Lenski, 1961.
- LS *A Greek-English Lexicon*, compilado por H. G. Liddell e R. Scott, nova edição revisada por H. S. Jones e R. McKenzie, 2 vols., 1940.
- LT *The Life and Times of Jesus the Messiah*, por Alfred Edersheim, 2 vols., 1890, republicado em 1953.
- LXX A Septuaginta (a versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
- Manson *The Gospel of Luke* por William Manson (*Moffatt New Testament Commentary*), 1937.
- Melinsky *Luke*, por Hugh Melinsky (*Modern Reader's Guide to the Gospels*), 1966.
- mg. margem.
- Miller *Saint Luke*, por D. G. Miller (*Layman's Bible Commentaries*), 1966.
- MM *The Vocabulary of the Greek Testament*, por James Hope Moulton e George Milligan, 1914-29.
- Moorman *The Path to Glory*, por John R. H. Moorman, 1963.
- Morgan *The Gospel according to Luke*, por G. Campbell Morgan, sem data.
- MS(S) manuscrito(s).
- NDB O Novo Dicionário da Bíblia, editado por J. D. Douglas et al., Edições Vida Nova, 1981.<sup>5</sup>
- NEB "The New English Bible," Antigo Testamento, 1970; Novo

	Testamento, Segunda Edição, 1970.
<i>NTS</i>	<i>New Testament Studies</i> .
Plummer	<i>A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel according to S. Luke</i> , por Alfred Plummer ( <i>International Critical Commentary</i> ), 1928.
RSV	“Revised Standard Version” norte-americana, Antigo Testamento, 1952; Novo Testamento, Segunda Edição, 1971.
RV	“Revised Version” inglesa, 1881.
Ryle	<i>Expository Thoughts on the Gospels, St. Luke</i> , por John Charles Ryle, 2 vols., 1856, republicado em 1969.
<i>SE, i</i>	<i>Studia Evangelica</i> , vol i, editado por K. Aland et al., 1959.
<i>SE, iv</i>	<i>Studia Evangelica</i> , vol. iv, editado por F. L. Gross, 1968.
SB	<i>Kommentar zum neuen Testament aus Talmud und Midrasch</i> por Herman L. Strack e Paul Billerbeck, 4 vols., 1922-28.
<i>SJ</i>	<i>The Sayings of Jesus</i> , por T. W. Manson, 1949.
<i>SLA</i>	<i>Studies in Luke-Acts</i> , editado por Leander E. Keck e J. Louis Martyn, 1966.
<i>TDNT</i>	<i>Theological Dictionary of the New Testament</i> , uma tradução por Geoffrey W. Bromiley de <i>Theologisches Worterbuch zum neuen Testament</i> , vols. 1-4, editado por G. Kittel, 5 – editado por G. Friedrich, 1964.
TEV	“Today’s English Version”: o Novo Testamento, 1966.
<i>THB</i>	<i>A Translator’s Handbook on the Gospel of Luke</i> , por J. Reiling e J. L. Swellengrebel, 1971.
Thompson	<i>The Gospel according to Luke</i> , por G. H. P. Thompson ( <i>New Clarendon Bible</i> ), 1972.
Tinsley	<i>The Gospel according to Luke</i> , por E. J. Tinsley ( <i>Cambridge Bible Commentary</i> ), 1965.
<i>TNTC</i>	<i>Tyndale New Testament Commentary</i> .
<i>ZNW</i>	<i>Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft</i> .

As seguintes traduções da Bíblia são citadas segundo o sobrenome do tradutor: Goodspeed, Knox, Moffatt, Phillips, Rieu. Filo e Josefo são citados conforme a edição Loeb, a Mishna conforme a tradução de Danby, e o Talmude e o Midrax conforme a tradução Soncino.

## INTRODUÇÃO

Até muito recentemente, parece que muita pouca atenção foi prestada ao fato notável que Lucas é o único dos quatro Evangelistas que escreveu uma seqüela ao seu Evangelho.<sup>1</sup> Por que fez assim? Os outros três escreveram livros que se concentravam na vida, na morte e na ressurreição de Jesus. Evidentemente sentiam que esta história podia ficar em pé sozinha; não precisava de suplemento. Mas Lucas escreveu Atos. Por que?

Seu segundo volume, como se sabe, nos leva adiante para a história da igreja primitiva. Conta-nos daqueles primeiros dias em Jerusalém e da maneira como os pregadores levaram o evangelho ao mundo, Pedro e João, Estêvão o mártir, Filipe e outros, mas especialmente Paulo e seus cooperadores.

O grande pensamento que Lucas está expressando é, decerto, que Deus está operando Seu propósito.<sup>2</sup> Este propósito é visto claramente na vida e na obra de Jesus, mas não terminou juntamente com o ministério terrestre de Jesus. Continuou diretamente na vida e no testemunho da igreja. A igreja não representa um novo ato de Deus, completamente sem relação com aquele. Lucas está dizendo, segundo parece, que a obra de Jesus levou à vida da igreja, conforme o plano de Deus determinou que levasse.

---

1. Nestas duas últimas décadas (especialmente na Alemanha) a importância de ligar Lucas com Atos tem sido cada vez mais enfatizada. W. D. Davies indica que "O reconhecimento de que Lucas e Atos são duas partes da mesma obra é o fator decisivo na interpretação recente de Atos" (*Invitation to the New Testament* (Londres, 1967), pág. 219). Faz parte de uma comoção de atividade nos estudos recentes de Lucas que, porém, produziu bem pouca concordância, de modo que W. C. van Unnik pôde escrever um ensaio, não faz muito tempo, com o título: "Luke-Acts, a Storm Center in Contemporary Scholarship" (*SLA*, págs. 15 ss.).

2. Note o uso freqüente por Lucas da palavra *dei* para transmitir o pensamento de uma necessidade divina no ministério de Jesus (2:49; 4:43; 9:22; 13:16, 33; 17:25; 22:37; 24:7, 26, 44). Assim também emprega *boulé*, "propósito," duas vezes em Lucas e sete vezes em Atos, um total de nove das doze ocorrências do termo no Novo Testamento. S. Schulz enfatizou a importância do plano de Deus na teologia de Lucas (*ZNW*, lv, 1963, págs. 104-116).

Alguns escritores gostam de ressaltar este fato ao chamar o tema de Lucas de “história da salvação,” ou chamar a atenção ao tema de promessa e cumprimento.<sup>3</sup>

Lucas entende que este propósito divino está intimamente vinculado com o amor e a misericórdia de Deus. Um aspecto característico deste Evangelho é o modo segundo o qual o amor de Deus é retratado como estando ativo de várias maneiras, entre uma variedade de pessoas. Este não é um tema ocasional, mas, sim, um que percorre a totalidade deste escrito. Conforme a expressão de A. H. McNeile, embora se possa dizer que em Mateus a nota tônica é a realeza, e em Marcos, o poder, em Lucas é o amor.<sup>4</sup> É talvez este fato que dá ao Terceiro Evangelho sua atratividade peculiar. O escritor obviamente era um homem de cultura, com uma apreciação do belo, e certamente sabia escrever bem. Mas não é qualquer destes aspectos, nem a totalidade deles, que explica a beleza deste escrito. Pelo contrário, é a maneira em que o amor de Deus aparece brilhando nas parábolas, nos ditos, e na história de Jesus.<sup>5</sup>

O tema de Lucas é grandioso, e é tratado em toda a sua extensão. Seu Evangelho é o mais longo dos quatro e, quando Atos é acrescentado, escreveu uma parte do Novo Testamento maior do que qualquer outro autor individual. É claro que um estudo dos seus escritos é importante para o estudante do Novo Testamento.

## I. AUTORIA

Usualmente concorda-se que o autor deste Evangelho deve ser identificado com o escritor de Atos. O Prefácio de Lucas (1:1-4) é endereçado a

---

3. Cf. Nils A. Dahl, *SLA*, págs. 150ss.

4. A. H. McNeile, *An Introduction to the Study of the New Testament*, 2a. ed., rev. C. S. C. Williams (Oxford, 1953), pág. 14.

5. Muitos homenagearam a qualidade atraente do livro. E. Renan falou dele como sendo “o mais belo livro que existe (le plus beau livre qu’il y ait)” (*Les Évangiles* (Paris, 1877), pág. 283), veredito este que levou C. K. Barrett a observar que Lucas “estava mais interessado na verdade do que na beleza” (*Luke the Historian in Recent Study* (Londres, 1961), pág. 7). W. Manson dá o seguinte tributo: “Lucas lançou sua rede num largo círculo, e produziu o Evangelho mais volumoso e variado, mais vibrante e simpático, mais belo e docemente razoável de todos quantos possuímos” (Manson, pág. xxvii). F. C. Grant vê Lucas como “o mais valioso dos nossos quatro” e Lucas-Atos como “o escrito mais valioso no Novo Testamento” (*The Gospels* (Londres, 1957), pág. 133).

Teófilo e Atos 1:1 parece ser um tipo de prefácio secundário. É endereçado à mesma pessoa e visa, aparentemente, lembrar o primeiro.<sup>6</sup> O estilo e o vocabulário favorecem a unidade da autoria.

A tradição afirma unanimemente que este autor é Lucas. É atestado pelo herege primitivo Márciom (que morreu c. de 160 d.C.; Lucas era o único Evangelho no seu cânon), no Fragmento Muratoriano (uma lista dos livros aceitos como parte do Novo Testamento; usualmente sustenta-se que expressa a opinião em Roma no fim do século II), no Prólogo anti-marcionita de Lucas (que também diz que Lucas era nativo da Antioquia, que era médico, que escreveu seu Evangelho na Acaia, e que morreu aos 84 anos de idade, solteiro e sem filhos),<sup>7</sup> por Irineu,<sup>8</sup> por Tertuliano,<sup>9</sup> por Clemente da Alexandria,<sup>10</sup> e por outros.

Às vezes esta tradição é descontada como sendo nada mais do que conjecturas, mas isto é desdenhoso demais. Lucas não era, pelo que sabemos, uma pessoa de tanto destaque na igreja primitiva ao ponto de dois volumes tão consideráveis como estes serem atribuídos a ele sem motivo. Se as pessoas estavam adivinhando, não seria muito mais provável que sugerissem um apóstolo? Ou Epafras? Ou Marcos? O fato de que um homem que não era apóstolo, sem posição de destaque que se conheça, ser universalmente considerado na antiguidade como tendo sido o autor, deve receber a merecida consideração.

Não devemos desconsiderar o argumento feito por Martin Dibelius de que é improvável que este livro tenha sido publicado sem o nome do autor anexado. Ressalta que o endereçamento a Teófilo pressupõe que havia um desejo no sentido de circular o livro entre pessoas cultas. Para tais

---

6. H. Conzelmann e E. Haenchen adotam o ponto de vista de que o Prefácio de Lucas não visa referir-se a Atos. A maioria dos estudiosos, no entanto, entende que o Prefácio se aplica aos dois livros. Ver, por exemplo, a discussão por A. J. B. Higgins em *Apostolic History and the Gospel*, ed. W. Ward Gasque e Ralph P. Martin (Exeter, 1970), págs. 78-91.

7. O texto é dado em Grego em Albert Huck, *A Synopsis of the First Three Gospels*, edição em Inglês ed. F. L. Cross (Tübingen, 1936), pág. VIII, e em Inglês em Ellis, pág. 41. Huck data os Prólogos em 160-180 d.C. A maioria dos estudiosos recentes, no entanto, considera que são muito posteriores, e de pouco valor. Ver, por exemplo, a nota em E. Haenchen, *The Acts of the Apostles* (Oxford, 1971), págs. 10-12. Ellis trata com mais respeito (Ellis, loc. cit.), assim como R. G. Heard, que acha aqui matéria biográfica primitiva e valiosa (*JTS* n.s., vi, 1955, págs. 9-11).

8. *Adversus Haereses* III.i.1.

9. *Adversus Marcionem* iv.2.

10. *Stromateis* i.21.

leitores, o nome do escritor teria necessariamente sido incluído. Se o prólogo “citou o nome da pessoa a quem a dedicação foi endereçada, o nome do autor dificilmente poderia ter sido omitido do título.”<sup>11</sup> A tradição não atribuiria a Lucas, de modo uniforme, um livro que era conhecido, desde sua publicação, como obra doutra pessoa.

A tradição concorda com o Prefácio, que nos mostra que o autor não era testemunha ocular das coisas que registra, mas que pesquisara evidências da parte de tais pessoas. Era claramente um escritor cuidadoso e um homem de cultura, mas não um dos primeiros seguidores de Jesus.

A evidência interna está de conformidade com isto. Em Atos há quatro passagens em que o escritor emprega o pronome “nós” (At 16:10-17; 20:5-16; 21:1-18; 27:1-28:16). Parece que estas foram tiradas do diário de um dos companheiros de Paulo. Uma das seções com “nós” dá a informação de que o escritor ficou hospedado por um certo tempo em Cesaréia com Filipe o evangelista e as quatro filhas deste (At 21:8ss.). Foi somente mais de dois anos mais tarde que ele e Paulo embarcaram com destino a Roma (At 27:1). Este período, passado com tais companheiros, deve ter dado oportunidade para descobrir muita coisa acerca de Jesus e da igreja primitiva.

O vocabulário e o estilo das passagens com “nós” são idênticos aos do restante do livro, e a conclusão natural é que um só autor escreveu a totalidade. É verdade que alguns críticos negam este fato. Sustentam que o autor de Atos copiou umas poucas passagens do diário doutra pessoa como seu meio de fornecer informações acerca dos eventos que descreve.<sup>12</sup> Ou pensam que a palavra “nós” seja apenas um artifício literário.<sup>13</sup> Tais argumentos não impressionam. O uso pelo autor

---

11. M. Dibelius, *Studies in the Acts of the Apostles* (Londres, 1956), pág. 148. H. J. Cadbury indica que quando o título e o autor do livro eram nomeados numa etiqueta separada (que pensa ter sido provavelmente o caso de Lucas-Atos) nenhum deles aparecia no texto do rolo (*The Making of Luke-Acts* (Londres, 1958), pág. 195). Cadbury pensa que a evidência de que Lucas era o autor não é conclusiva. Mas não explica como Lucas poderia ter substituído um outro nome tão completamente.

12. Por exemplo, H. Windisch sustenta que o autor de Atos não era Lucas, “mas empregou como fonte um diário de Lucas” (*The Beginnings of Christianity*, ed. F. J. Foakes Jackson e K. Lake, vol. ii (Londres, 1922), pág. 342).

13. Ernst Haenchen, seguindo Dibelius, adota esta linha de pensamento. Sugere que o uso de “nós” é um modo de indicar que “para algumas das viagens, ele (i.é, o autor de Atos) podia depender de relatórios de uma testemunha ocular” (*SLA*, pág. 272).

de extratos das suas próprias notas é inteligível, mas seu uso por outra pessoa é muito menos. Poderíamos colocar o dilema da seguinte maneira: Se o autor não está procurando valer-se do prestígio do escritor do documento anterior, para que conservar o “nós”? Se está querendo, por que não emprega o nome daquele escritor? Assim teria sido muito mais eficaz. Na realidade, sem o nome o “nós” comprova pouca coisa, conforme demonstra a variedade de explicações. Nada que tenha sido aduzido até agora é uma explicação tão natural quanto a explicação que sustenta que um companheiro de Paulo empregava seleções do seu próprio diário.

Se pudermos aceitar esta explicação, veremos o autor como um daqueles que estavam com Paulo nos períodos indicados pelo uso de “nós” mas que não são mencionados pelo nome na narrativa (o autor não citaria seu próprio nome, mas, sim, se incluiria no “nós”). Atos termina à altura em que Paulo estava em Roma, e o autor talvez deva ser procurado entre aqueles que são mencionados nas Epístolas do cativo ou em 2 Timóteo como estando com Paulo, mas não mencionado em Lucas-Atos. Isto nos deixa com um grupo pequeno: Tito, Demas, Crescente, Jesus Justo, Epafros, Epafrodito, e Lucas. Não parece haver qualquer razão para acreditar que qualquer desses a não ser Lucas, tenha sido nosso autor.<sup>14</sup>

Paulo fala de Lucas como sendo “o médico amado” (Cl 4:14) e em tempos idos entendia-se que o argumento em prol da autoria lucana era fortemente apoiado pela linguagem médica que muitos discerniam em Lucas-Atos.<sup>15</sup> H. J. Cadbury, no entanto, convenceu a maioria das pessoas de que a linguagem não é especialmente médica,<sup>16</sup> ao indicar que a maioria dos exemplos citados têm paralelos entre escritores que não eram médicos. Parece ser ponto de concordância geral agora que não

14. Lucas é mencionado no Novo Testamento somente em Cl 4:14; Fm 24; 2 Tm 4:11. Alguns o identificaram com Lúcio de Cirene (Atos 13:1) ou com o Lúcio a quem Paulo chama de parente (Rm 16:21), mas os nomes são um pouco diferentes e não parece haver razão para identificar qualquer destes com Lucas. Alguns dos Pais primitivos da Igreja pensaram que Lucas fosse “o irmão cujou louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas” (2 Co 8:18; cf. a oração para o dia de São Lucas no Livro de Orações da Igreja Anglicana), mas isto parece imaginativo.

15. O caso foi fortemente argumentado por W. K. Hobart, *The Medical Language of St. Luke* (Londres, 1882), e mais cautelosamente por A. Harnack, *Luke the Physician* (Londres, 1907).

16. H. J. Cadbury, *The Style and Literary Method of Luke* (Harvard, 1920). A. Q. Morton, no entanto, vê um ponto fraco na abordagem de Cadbury, quando compara a linguagem de Lucas com a de Josefo e da Septuaginta: “Há 18.000 pala-

## COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.